

Graham Allison. (2017). *Destined for War. Can America and China Escape Thucydide's Trap?* London: Scribe.

Esta obra perspectiva a história dos últimos quinhentos anos, desde a expansão global ocidental, portuguesa e europeia, até à presente época que corresponde à expansão global oriental. No âmbito da expansão ocidental, o estudo de Graham Allison incide na recorrente dinâmica conflitual entre as potências emergentes e as potências hegemónicas, prospetivando os potenciais conflitos da potência emergente, a China, com a potência hegemónica, os EUA.

São analisados doze casos nesta tipologia conflitual ao longo de quinhentos anos, e deles retiram-se várias aprendizagens, para que permitam diluir os embates já presentes entre os EUA e os seus aliados do Oriente e a China, assim como se expõem pontos de partida e condições para uma estratégia que altere a tendência conflitual de que a história é testemunho decisivo.

Esta obra tem como objetivo principal, pelo método da História Aplicada, procurar os meios de superação do processo de colisão, se ambas as partes estiverem dispostas a tomar difíceis e penosas ações preventivas, de modo a afastarem-se da rota que apresenta um altíssimo risco de conflito bélico. Posto o estudo dos casos nos últimos quinhentos anos, o risco das potências emergentes e dominantes desembocarem em conflito aberto é mais elevado do que 75% das possibilidades. A «armadilha de Tucídides» é o modelo de compreensão para estas situações conflituantes, infirmado pela retrospectiva elaborada. O conflito militar é o resultado mais provável destas disputas. E os sucessivos casos de guerra entre as potências emergentes e as

potências hegemónicas mostram a nossa proximidade ao impensável. A tese de Tucídides: «Foi a ascensão de Atenas e o receio que instilou em Esparta que tornou a guerra inevitável», pode ser verificada em doze casos que terminaram violentamente, em dezasseis no total. Todavia, a *inevitabilidade* que Tucídides afirma é uma hipérbole, não uma afirmação determinista. Não há determinismo nesta dinâmica conflitual, apenas a constatação de que a natureza humana tendencialmente reproduz as mesmas atitudes em situações semelhantes, isto é, cai facilmente na «armadilha de Tucídides». De facto, houve casos que não coincidiram, pelo menos diretamente, em confrontos abertos: Portugal/Espanha nos finais do século XV, EUA/Grã-Bretanha no início do século XX e EUA/URSS durante a segunda metade do século XX. Mais um caso, do final do século passado, é integrado por Allison neste modelo de análise: o caso da reunificação da Alemanha perante a apreensão e posição de confronto por parte do Reino Unido e da França. Este conflito foi entretanto amenizado e ultrapassado pela influência dos EUA, pelo enquadramento institucional da Alemanha na UE e na NATO. Contudo, penso que esta situação conflitual não se articula com a mesma regularidade dos outros quinze casos estudados, pois o fator bélico estava e está excluído da Alemanha enquanto potência económica e política emergente. Mas, se excluirmos este último caso, já a potencialidade da conflitualidade bélica entre poderes emergentes e hegemonias estabelecidas sobe para 80% dos casos.

A «armadilha de Tucídides» aplicada como modelo de análise é contestada por alguns, ora por divergência da interpretação do cenário primitivo do autor helénico, ora porque a interpretação original da tese não permitiria a generalização histórica que aqui é submetida, ora porque o modelo, mais próximo da escola neorrealista (*engage but hedge*), convida a uma defesa militar pró-ativa. No entanto, a sua adesão à realidade histórica, o montante do conhecimento extraído do modelo e a sua aplicabilidade política, vem resultando num acolhimento claramente favorável.

Quaisquer que sejam os desequilíbrios em prospetiva e os receios advenientes, o que mais conta nas relações internacionais é a previsibilidade, a estabilidade dos objetivos de uma estratégia, necessariamente fundada na credibilidade das instituições. Neste último sentido,

convém a leitura complementar de Niall Fergusson, especialmente *The Great Degeneration* (2014) e *Civilization* (2011), autor não apenas referido por Allison nesta obra, mas com quem partilha também um projeto comum de relevo, a proposta de uma consultoria de História Aplicada para a Casa Branca.

Allison confronta a sua visão, tanto com a teoria neo-realista, como com a teoria liberal para as relações internacionais, visando esta a desmotivação de conflitos bélicos entre as potências pela interpenetração económica, e aquela visando permanecer na vanguarda dos sistemas de informação e defesa. As duas teorias são operantes nos EUA e, partindo desta visão estereoscópica, como se verifica nas indicações de Allison para ultrapassar a «armadilha de Tucídides», o autor propõe um leque de diferentes matizes para prevenir a agudização do potencial conflito.

Partindo da análise dos casos históricos, que não conduziram à guerra, doze diferentes aprendizagens são propostas: 1) Autoridades supranacionais podem contribuir para resolver as rivalidades sem recursos bélicos. 2) Os Estados enquadrados em fortes instituições independentes, económicas, políticas e de segurança, podem ser menos constrangidos às tendências beligerantes. 3) A sensatez terá de elaborar da necessidade a virtude, distinguindo a necessidade de receios e desejos, procurando acolher as pretensões do concorrente sem sacrifício dos próprios interesses vitais, implicando a definição conjunta desses interesses. 4) Aproveitar as oportunidades, pois a janela da oportunidade abre-se por vezes inesperadamente, para voltar a fechar-se sem aviso. 5) Atentar nas afinidades e convergências ajuda a prevenir conflitos. 6) As armas nucleares dispuseram um novo contexto estratégico. 7) A tecnologia transformou os grandes rivais em siameses inseparáveis. 8) A guerra aberta (*hot war*) entre potências nucleares com capacidade de retaliação tornou-se uma opção impossível. 9) Os estadistas das superpotências nucleares devem preparar-se para o risco de um conflito bélico que não podem vencer. 10) Uma intrincada dependência económica aumenta o custo e diminui a possibilidade de guerra. 11) As alianças podem constituir uma atração fatal para o conflito aberto. Se as coligações internacionais ajudam a criar equilíbrio de poderes e a objetivarem a segurança regional, todavia, as alianças criam riscos,

pois tais laços muitas vezes requerem a intervenção aberta quando há conflito entre esses aliados e outras potências. 12) O desempenho político doméstico é decisivo. O que as potências realizam dentro de suas fronteiras é, pelo menos, tão importante quanto o que realizam nas suas relações externas. Três fatores são primaciais neste sentido: a) O desempenho económico cria a subestrutura da potência; b) A competência dos governos permite mobilizar os recursos para os objetivos comuns e estratégicos; c) O patriotismo (*spirit*) ou a moralização (*élan*) suporta e sustenta ambos: o desempenho económico e a competência do governo. Potências com economias mais resistentes, governos mais competentes e com maior coesão social têm vantagem; pelo contrário, a vulnerabilidade social, económica e política conferem-lhes fraco poder negocial.

A partir destas aprendizagens da história apresentam-se algumas ações preventivas para evitar a dinâmica de choque. De ambos lados é necessário o esforço de compreensão mútua para convergir, é também necessário elaborar uma estratégia no sentido dessas convergências e conferir primazia aos assuntos domésticos. É necessário compreender o que a China está tentando fazer e qual é o núcleo de seus interesses vitais. Quanto melhor se entender os objetivos da China melhor preparados estarão os EUA para resolver diferendos. Em segundo lugar, é necessário elaborar uma estratégia. Se a elaboração estratégica não garante o sucesso, a ausência de uma estratégia coerente e sustentável é via segura para o insucesso. Para conceber uma estratégia proporcional à manutenção de equilíbrio, devido à mudança de avultados pesos na balança, é requerida a cooperação, interna e externa, entre estadistas com capital político e com sagacidade. Em terceiro lugar, é necessário colocar no topo das preocupações políticas os desafios domésticos. Sem a resiliência que provém da credibilidade institucional, as sociedades estão mais expostas às variações negativas, ocasionais ou persistentes, externas ou internas, isto é, estão menos capazes de objetivarem alternativas pela sua diplomacia, na sua economia e na sua expressão internacional.

PEDRO FURTADO CORREIA